

TRABALHO E MALANDRAGEM EM MARAFA, DE MARQUES REBELO

Manoel Freire Rodrigues*

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Maria Clediane de Oliveira**

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Resumo: Em *Marafa*, Marques Rebelo constrói a dinâmica da sociedade carioca trazendo à cena uma grande galeria de personagens que compõem dois universos distintos, que não se comunicam e não interagem um com outro. De um lado encontra-se a esfera da ordem e do trabalho, ao qual pertencem os indivíduos que seguem os padrões sociais burgueses, procurando viver de forma digna e honesta, por meio do trabalho e do esforço próprio; de outro lado está espaço da desordem e da malandragem, em que estão inseridos os que rejeitam a ética do trabalho e vivem da trapaça, da prostituição e de tudo que está relacionado a uma vida desregrada. Nesse contexto, prevalece a ética daqueles que se sobressaem através da malandragem e da ociosidade, pois em uma sociedade excludente e competitiva, em que o ativismo é uma característica fundamental, em geral sobressai-se quem se utiliza de meios ilegais e artifícios marginais para conseguir realizar seus objetivos, ao passo que aqueles que permanecem resignados em sua condição inferior acabam pagando o preço derrotados.

Palavras-chave: Marques Rebelo. Romance. Trabalho. Malandragem.

Considerações iniciais

Como outros autores que o antecederam, Marques Rebelo adota a cidade do Rio de Janeiro como palco para encenação dos dramas vivenciados por seus personagens. Em suas narrativas, porém, a imagem de “Cidade Maravilhosa” difundida nacional e internacionalmente como um lugar de belezas exuberantes e paradisíacas dá lugar a outras



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

* Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (1995), com Mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2001) e Doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2009). É professor de literatura brasileira, vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma Universidade. Desenvolve pesquisas em Literatura Brasileira, especificamente prosa de ficção moderna e contemporânea, numa abordagem que enfatiza na relação entre forma literária e processo social. E-mail: <manoelfrr@gmail.com>.

** Professora da rede pública de ensino do Rio Grande do Norte, tem graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Pau dos Ferros, com Especialização em Literatura e Estudos Culturais e mestrado em pelo Programa de Pós-graduação em Letras pela mesma Universidade. E-mail: <cledianeoliveira@hotmail.com>.

representações da cidade, na medida em que o autor retrata o cotidiano dos moradores dos subúrbios, que não acompanham o ritmo de desenvolvimento e do progresso, que numa modernidade periférica não alcança todos os moradores da cidade.

Em seu romance *Marafa*, o escritor retrata um painel amplo da vida carioca, pondo em cena duas esferas sociais distintas, cada uma com espaços e tipos particulares. Assim, de um lado é narrado o mundo em que vivem as prostitutas, os malandros e o que está associado ao à vida desregrada; de outro, é apresentado o mundo dos trabalhadores, das donas de casa e pequenos funcionários, que remete ao espaço familiar. Renato Cordeiro Gomes observa que esses dois universos estão dispostos da seguinte maneira no romance:

O primeiro espelha o espaço público do Manguê [...] as ruas adjacentes, a Lapa, os bares, as avenidas, o carnaval. É o espaço marcado pelas noções de mobilidade (não-permanência), de não-família, de prazer instrumentalizado pelo corpo, de dispêndio, de ausência do “trabalho” [...] O segundo espelha o espaço privado, o mundo da casa, marcado pelas noções de permanência, de família nuclear, de trabalho, da repressão do corpo como lugar de prazer, da noção de honestidade, de economia [...] É o espaço doméstico marcado pelo sentimento de privacidade e pela ideia de lar – o lugar sagrado dos valores tradicionais (GOMES, 2008, p. 136).

No espaço marcado pela ausência do trabalho e pela satisfação dos prazeres estão situados os lugares e os elementos propícios à desordem e à prática de atos ilícitos, portanto ao descumprimento de regras e princípios sociais. Fazem parte desse universo Teixeira e seus amigos de malandragens, indivíduos que usam mecanismos ilícitos ou ilegais em benefício próprio, vivendo da vagabundagem e da trapaça. Como observa ainda Renato Cordeiro Gomes (2008), esse lado é narrado em um ritmo mais ágil, pois como não há predominância da lei e da ordem para orientar o comportamento dos indivíduos, a mobilidade e a flexibilidade se sobressaem, favorecendo o imprevisível, as surpresas e a mudança rápida de uma cena para outra.

O segundo espaço, por sua vez, é o inverso do anterior, pois retrata a esfera privada, doméstica, lugar em que os instintos e os prazeres são controlados e em que há um esforço para obedecer às normas e preservar os valores e princípios morais. No romance em análise, é a esfera em que vivem José e outros personagens secundários que representam a ordem familiar pequeno burguesa. Como, nesse caso, a conduta dos indivíduos é orientada por leis, o espaço é representado “em ritmo bem mais lento que mimetiza o arrastar cinzento do cotidiano previsível, sem surpresas”, conforme observa Gomes (2008, p. 137).

As histórias de cada grupo são narradas separadamente. A própria estrutura da obra demonstra essa divisão, uma vez que o romance está organizado em pequenos capítulos, quase independentes uns dos outros, porém sem quebra da linearidade, o que reforça a ideia

de que os universos nele retratados não se comunicam, nem interagem entre si. Se em outras narrativas de Marques Rebelo, como “Oscarina” e *A estrela sobe* o narrador revela o interior dos personagens e seus conflitos mais profundos, utilizando o discurso direto para que o leitor possa ver como as cenas se passam sem a interferência da voz que narra, em *Marafa* ele mantém certo distanciamento, transitando livremente na narrativa de modo a poder apresentar os dois recortes espaciais, sem aderir ou posicionar-se a favor de um ou de outro, portanto sem fazer juízo de valor.

José e a ordem do trabalho

José representa o tipo de homem trabalhador e honesto que sempre buscou viver de forma digna e honrada, sustentando-se com o pequeno salário que recebia pelo seu trabalho como auxiliar de escritório. Assim como ocorre com grande parte dos personagens de Marques Rebelo, José era de uma família humilde, que tinha apenas o necessário para sobreviver: “Se não dava para enriquecer, deu para viver. Se não era farta a vida, era decente” (REBELO, 2003, p. 101). Para chegar a essas condições, o pai teve que passar por muitas privações e dificuldades. Quanto à mãe, dona Matilde, sempre foi uma mulher dedicada ao lar e submissa ao marido.

Observando os papéis que o pai e a mãe de José desempenham na estrutura familiar, percebe-se que eles representam o comportamento tradicional do homem e da mulher e o ideal pequeno-burguês. Ao homem cabia prover o sustento da casa e exercer a função de chefe da família, o que Osório consegue com esforço, através do seu trabalho. Já à mulher eram atribuídas as tarefas relacionadas ao lar, em que sua principal função era a de mãe dedicada e de esposa exemplar, princípios que dona Matilde também procura seguir à risca. Como o poder de decisão cabia ao homem e não à mulher, a mãe de José não manifestava nenhuma opinião própria, permanecendo subordinada às vontades e às atitudes do esposo, sem ousar fazer algo que não tivesse o seu consentimento: “Não riscava um fósforo sem perguntar a ele: - Que é que você acha, Osório? Ele poderia dar a opinião mais absurda do mundo, que ela achava certa: - Tem razão, Osório” (REBELO, 2003, p. 102).

Embora José trabalhasse muito, o dinheiro que recebia como pequeno funcionário só era suficiente para o seu sustento porque ainda morava na casa dos pais. Apesar disso, não tomava qualquer iniciativa para melhorar a situação, conforme sugere o narrador nesta passagem do romance:

José ganhava pouco e o lugar de auxiliar de escritório, que ocupava há cinco anos, evidentemente não tinha nenhum futuro definido. Mas, conformado e contente, ia

vivendo sem revoltas. Julgava-se pouco inteligente, porque nunca dera para os estudos. Seria sempre, pensava, um degrau humilde para a subida dos que sabiam mais. Alguns sabiam tanto como ele, é certo. Mas eram os ousados, os enérgicos, os que tinham a coragem que lhe faltava – a de usar toda sorte de meios para atingir determinado fim. Lisonjeiros, servís, mentirosos, intrigantes, adutores, que importa? Eles eram humanos, eles defendiam suas vidas, eles se impunham a qualquer preço. Reconhecia a superioridade, sem inveja. Acreditava em consciência limpa como desculpa para sua timidez, para a sua passividade na conquista duma posição melhor. A honestidade do seu procedimento e a boa vontade para o trabalho, mais dia menos dia, lhe trariam uma recompensa. Era esperar (REBELO, 2003, p. 31-32).

Em uma sociedade extremamente competitiva, porém pouco democrática, onde as oportunidades não são iguais para todos, o trabalho honesto nem sempre possibilita ao sujeito alguma forma de ascensão social, sendo necessário muitas vezes fazer uso de procedimentos e artifícios marginais, ou seja, algum tipo de “malandragem para tirar vantagem de alguma situação. José, porém, era incapaz de fazer uso de qualquer mecanismo ilegal ou outro artifício que fosse de encontro aos princípios e os valores que defendia. Trata-se de um “pobre-diabo”, segundo a definição de José Paulo Paes (1990), isto é, alguém desprovido de bens, que passa por dificuldades financeiras e se anula por deixar de reivindicar seus direitos, tendendo ao fracasso. Embora José não buscasse mudar a realidade à sua volta, sabe-se que não havia muitas possibilidades para indivíduos que, assim ele, pertenciam às camadas menos favorecidas. Neste sentido, podemos perceber que o narrador faz também uma crítica à ideologia do trabalho, uma vez que a mesma sociedade em que há uma valorização excessiva do trabalho, não oferece os meios e as condições necessárias para que todos os indivíduos tenham as mesmas oportunidades, de forma que o ideal de igualdade se coloca apenas como virtualidade.

Nem mesmo no próprio trabalho José tinha coragem de se impor, de buscar por melhores condições e lutar por um salário mais digno, continuava sempre esperando, tranquilamente, o dia em que o próprio chefe reconhecesse seus esforços e tomasse a iniciativa de recompensá-los. Esse tipo de comportamento, além de impedir que conseguisse uma posição mais favorável, também o tornava alvo fácil para a esperteza daqueles que procuravam tirar algum tipo de proveito, como é o caso dos próprios superiores: aumentavam a remuneração dos demais funcionários, mas como sabiam que José não reclamava nem exigia o cumprimento das obrigações, nada faziam em relação a ele. A esse respeito verifica-se certa ironia do narrador ao mundo “arrumadinho” e conformista de José, pois o personagem utiliza o discurso de que há outras pessoas em situações piores do que a dele para justificar sua falta de ação.

Colega de trabalho de José, Baltazar é sujeito revoltado e inconformado com os

mecanismos que oprimem a população pobre: com as injustiças sociais; com as leis, que segundo seu ponto de vista só existem no papel e não são colocadas em prática; com a falta de recursos que possam garantir uma vida digna para todos os indivíduos; com a ausência de investimentos para melhorar as condições de vida nos subúrbios e outras regiões esquecidas pelos governantes e detentores dos meios de produção; com o fato de que os mais pobres, além de não poderem desfrutar de momentos de lazer com a família, conhecendo outros lugares, sequer podem usufruir as belezas naturais do próprio Rio de Janeiro, pois alguns espaços só podem ser frequentados pelos ricos. Sugando a visão da personagem, a “Cidade Maravilhosa”, cartão-postal do país do carnaval e do futebol, é a mesma em que

Mendigos estendem as mãos imundas, mostrando chagas, andrajos e deformidades. Mendigas dão maminhas mirradas a esqueletos de crianças. Inválidos, cegos, aleijados, portadores de elefantíase, suspeitas caras de leprosos, há mendigos nas esquinas, nas soleiras, no portão dos cemitérios, nos degraus das igrejas, à porta dos restaurantes, dormindo no sopé das estátuas e nos bancos das praças. Há tantos mendigos e falsos mendigos como há pardais. E há a Comissão de Turismo, convidando o mundo, com maus cartazes, para conhecer as belezas naturais da capital maravilhosa. (Baltazar sofre muito.) (REBELO, 2003, p. 37).

De um lado, as mazelas sociais, as “chagas, andrajos e deformidades” de uma cidade dita maravilhosa e, de outro, há a Comissão de Turismo preocupada em difundir uma imagem idealizada, invocando as belezas paradisíacas e o esplendor carioca, e camuflando a realidade em que vivem os pobres. Para Baltazar, só haveria uma maneira de solucionar os problemas que assolavam não somente o Rio de Janeiro, mas todo o país: “No caminho em que vamos, só vejo uma salvação: a revolução! Mas a revolução das massas, compreende? – não essa papeata que houve aqui. Farsa não! Revolução mesmo!” (REBELO, 2003, p. 77). O personagem defende uma espécie de ditadura, de “fascismo feroz e saneador”, porém o medo da repressão faz com que pense em ponderar suas palavras antes de falar sobre o assunto novamente, como se percebe no fragmento: “sentiu-se um pouco indignado consigo mesmo [...] ao voltar para casa, ia temeroso e arrependido – tinha mulher, tinha dois filhos... A polícia não era para brincadeira... Devia ter mais tato no que falava. Ainda haveria de pagar pela língua!” (REBELO, 2003, 78). Incapaz de indignar-se, José simplesmente ouve o discurso inflamado do companheiro, sem demonstrar qualquer tipo de preocupação com os problemas sociais e políticos do seu país. A sua única atitude foi questionar se o amigo estava defendendo ideias comunistas, o que, na sua visão, poderia acarretar maiores consequências para Baltazar.

Somente a partir do momento em que conhece Sussuca, com quem planeja casar-se, e percebe que sua situação financeira não permitia constituir e sustentar uma família:

“Procurou resolver breve a sua vida. Precisava se casar [...] Viu difícil a solução. Esforçava-se, indagava, respondia a anúncios de empregos, nada conseguia de prático e imediato, tudo promessas e ninharias iguais ou piores à que tinha” (REBELO, 2003, p. 91). Esse é o único episódio do romance em que José reflete sobre sua condição e sente a necessidade de mudar o rumo de sua vida, ainda que a maneira encontrada não tenha sido a mais satisfatória para o que ele almejava:

– Se eu tivesse a tua força, Zé, seria boxeador.

José teve um sobressalto – boxeador?! Ficou parado, pálido, olhando meio bestificado para um ponto vago. Batia o coração acelerado. Boxeador... [...] Verdade, tinha músculos, saúde, energia, agilidade. Possuía calma também e o boxe andava dando bastante. Pelo menos muito mais, tinha a certeza, do que um emprego como o dele e bem mais interessante, nem havia comparação. Que vida estúpida e igual a que levava! Que falta de heroísmo na tarefa diária de receber caixas de mercadorias da Europa, conferi-las, remarcá-las e remetê-las para os mesmos fregueses do interior. Que monotonia a de tirar sempre as mesmas faturas, somar as mesmas parcelas, averiguar os mesmíssimos créditos. E cada dia trinta receber o mesmo escasso ordenado, com as apreensões de uma dispensa possível. Sim, o boxe era um caminho, um bem apreciável caminho. Não duraria sempre, é claro, a mocidade não é eterna, havia a decadência, mas com seus hábitos naturalmente regrados poderia fazê-la demorar. E contando com ela, nada de imprevidências. Dinheiro para o lado. Quando chegasse, afinal, teria um pecúlio garantido, se não grande, pelo menos um pecúlio. Que é que tinha agora? Nada! E com um capital embora pequeno poderia, em tempo, enfrentar outro meio de vida. Talvez na carreira mesmo, como treinador, empresário, quem sabe? (REBELO, 2003, p. 92-93).

A longa reflexão de José sobre o trabalho monótono, pesado e cansativo que realizava, sem que fosse devidamente reconhecido e recompensado, mostra quanto é difícil para aqueles que vivem do trabalho honesto conseguirem alguma forma de ascensão social, haja vista que a remuneração mal chega a suprir as necessidades mais básicas. Sem instrução e com poucos recursos para sustentar-se, José não tinha qualquer perspectiva de mudança. Em meio a essas circunstâncias, o boxe apareceu como o único meio que poderia solucionar parte de seus problemas e ajudá-lo a melhorar de condição. “Autêntico representante da ordem”, José detestava qualquer tipo de violência, mas, por ironia do destino, é justamente a prática de um esporte violento que se mostra como um “um caminho, um bem apreciável caminho”.

Se os pais, e o próprio José, representam o lado conservador, seu irmão Jorge de algum modo retrata o novo e o moderno, o que se percebe, por exemplo, na opinião que cada um defende em relação ao boxe: enquanto os primeiros associam o esporte ao mundo marginal, o filho caçula afirma ter “muita honra em ter um Dempsey na família”, fazendo referência a Jack Dempsey, norte-americano considerado um dos maiores boxeadores do mundo. Por outro lado, considerando o fato de Jorge ver o irmão com um olhar de “cima para baixo”, vendo-o sempre como um “inferior”, parece haver certa dose de ironia quando o

personagem alegre-se com a decisão de José, pois, como o pugilismo era visto por parte da sociedade como um esporte associado ao mundo marginal, essa era uma forma de Jorge reforçar sua posição de superioridade em relação ao irmão.

A vida de José toma outro rumo após seu ingresso no mundo do boxe. Uma das primeiras modificações ocorreu em seu próprio nome, que não era adequado para denominar um artista: “precisava arranjar um nome de guerra, um nome sonoro, um nome sugestivo – um nome para cartaz, você compreende, não é? Estava com um engatilhado: Tommy Jaguar” (REBELO, 2003, p. 104). A troca de uma designação por outra representa uma nova identidade assumida pelo personagem. Da mesma forma que Jorge, em *Oscarina*, ao se transformar em cabo Gilabert, mudou seus hábitos e costumes, a vida de José também sofreu grandes alterações, chegando este a ficar irreconhecível para seus familiares, como sugere o narrador, que apresenta a situação com ironia: “Abandonou o fumo, evitava determinadas comidas, voltava mais cedo da casa da namorada [...] Raspou o bigode, cortou o cabelo à americana. Quando chegou em casa tosado, a mãe levou um susto” (REBELO, 2003, p. 104).

José troca sua rotina de pacato funcionário por outra que exigia preparação, treinos e muita disciplina. Se antes não se considerava apto para o estudo, posteriormente passou a receber lições do irmão sobre anatomia, fisiologia e outros conhecimentos que julgava serem importantes para as lutas.

Um episódio que demonstra bem o contraste de valores entre José e o meio em que estava inserido é o que envolve a luta de Tommy Jaguar e o pugilista Simões. Para que Simões não caísse na antipatia das pessoas, o responsável por suas lutas tratou de negociar uma luta arranjada com Guastini, o empresário de José. “Guastini tinha a moral elástica e levemente ajustara com o empresário de Simões o desfecho da pugna, com lucro para ambos – Tommy Jaguar perderia por pontos e levaria com isso uma considerável comissão no jogo” (REBELO, 2003, p. 207), nos diz o narrador. Tal comportamento, embora comum no mundo do boxe, encontra rejeição naqueles que colocavam a dignidade acima de quaisquer benefícios que o dinheiro poderia proporcionar, como era o caso de José, conforme o trecho a seguir:

José protestou incontinenti:

– Não, Guastini. Isso eu não faço. Se ele ganhar, está muito bem. Mas tem que fazer força [...]

– Mas é que todos fazem, Tommy.

– Não ponha isso no plural. Eu sou diferente. Pensei, aliás, que já soubesse. Não aceito propostas dessa ordem.

– Mas nós vamos perder dinheiro, rapaz. Que tolice! Dinheiro não cai do céu.

– Pouco importa de onde ele caía. Tramoia não faço.

Guastini exaltou-se:

– Pouco importa, uma brisa! Importa muito! Isso é poesia, Tommy, e poesia não entra em boxe. Nunca entrou.
José também se exaltou:
– Não sei se entra ou se não entra. Sei que é bandalheira e eu não tomo parte em bandalheiras (REBELO, 2003, p. 207).

Embora José fosse sério e honesto, não admitindo falcatruas, o mundo em que estava inserido era cheio de armações e transações escusas, o que gera uma contradição e causa certo desconforto para o personagem. Mesmo não concordando nem aceitando as propostas que feriam seus princípios, não se pode negar que este personagem também não conseguiu ficar totalmente isento dos estratégias envolvendo o meio em que o boxe era praticado. Isso pode ser evidenciado, por exemplo, no fato de que nem todos os lutadores apresentavam talento e potencial suficiente para a prática do boxe. Se Tommy Jaguar tinha técnica e habilidade, o narrador não deixa despercebido que recebia também a simpatia de algumas pessoas influentes naquele meio: “apesar de mais forte, mais impetuoso e amparado pela ruidosa simpatia da assistência conquistada pela sua lealdade e imperturbável jovialidade, só logrou um empate nos seis turnos que fez com um argentino decadente” (REBELO, 2003, p. 106). Em relação a isso, Frungillo afirma o seguinte:

Ao fazer sua opção, se não cai diretamente para dentro daquilo que se poderia considerar o mundo da ‘desordem’, chega perto ao menos de suas bordas. Isso porque o mundo do boxe, onde vai tentar sua ascensão, está longe de ser um reduto da honestidade: há trapaças, lutas arranjadas, com as quais é preciso se confrontar. E se José procura manter sua integridade, e subir por seus próprios méritos, é certo que ainda assim não se livra do fato de que a carreira que escolheu implica certa dose de irregularidade, que irá perturbar seu relacionamento com Sussuca, sua noiva (FRUNGILLO, 2001, p. 44-45).

Mesmo José tendo procurado sempre viver de forma honesta e digna, acaba tendo um final trágico. Sua trajetória reflete os dramas que os indivíduos pertencentes às camadas sociais menos favorecidas enfrentam, mostrando que nem sempre é possível vencer, pois muitas vezes acabam sobressaindo-se aqueles que vivem da malandragem e da esperteza.

Teixeirinha e a malandragem

A cena que abre *Marafa* retrata uma situação comum no cotidiano do subúrbio do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Trata-se de um homem caminhando embriagado e entoando um canto: “Cai, não cai, o homem bêbado vinha cantando. Apoiava-se ao esguio companheiro, que gemia no violão, e de cabeça tombada para o lado cantava sempre” (REBELO, 2003, p. 9). A música se chamava *Romance*, de autoria de Francisco Alves e Orestes Barbosa, um grande sucesso daquele período. Segundo José Ramos Tinhorão (2000), o romancista “indicava ser muito do gosto das camadas marginalizadas do Rio de

Janeiro da época esse tipo de canção romântica, muito influenciada pelas valsas europeias e norte-americanas” (TINHORÃO, 2000, p. 236).

O homem que surge no meio da névoa da “rua das mulheres”, embriagado, é Teixeira, personagem que representa um tipo social muito comum na sociedade brasileira retratada por Marques Rebelo: o malandro. Para Roberto Da Matta (1986, p. 104), trata-se de um indivíduo que tem um talento pessoal para usar “artifícios pessoais que nada mais são do que modos engenhosos de tirar proveito de certas situações”, ou seja, é alguém que usa a esperteza para obter vantagens nas mais diversas circunstâncias, de forma lícita ou ilícita, já que seu objetivo é conseguir os resultados, independentemente dos meios que utiliza. Em relação a essa sintomática figura, Chauvin (2008) afirma que é um indivíduo “hábil no trato com ladrões, cafetinas, prostitutas, donos de escolas de samba, empresários, credores de aluguel, donos de bares, bicheiros, políticos” (CHAUVIN, 2008, p. 258), ou seja, tudo que está associado à desordem e à ausência de regras, constitui um terreno propício para que o malandro entre em ação.

Segundo Antonio Candido (1998), o primeiro personagem malandro da literatura brasileira é Leonardo, de *Memórias de um Sargento de Milícias*. Em vez de seguir o mito de herói proposto pelos românticos, Manuel Antônio de Almeida escreve um romance cujo protagonista é “filho de uma pisadela e de um beliscão”. Contrariando as virtudes que se espera de um herói, Leonardo manifesta-se como um aventureiro astucioso que, avesso ao trabalho, procura tirar proveito das situações sem importar-se com os meios para alcançar os seus fins. Além disso, vive metendo-se em confusões e desafiando o poder e a autoridade, representados pela figura do major Vidigal. Vários outros autores da nossa literatura trazem no rol de seus personagens a figura do malandro. Para citar apenas alguns em contextos distintos, é o caso de Lima Barreto, em *Clara dos Anjos*; Mário de Andrade, em *Macunaíma*, publicado originalmente em 1928; e do contemporâneo João Antonio que, dentre suas obras, destaca-se *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de 1963.

Na primeira visita a Rizoleta, Teixeira compreende que está diante de uma situação da qual pode tirar vantagem, afinal, “tinha dado numa mina” e “podia sacar à vontade”. Logo ao acordar, o malandro já se mostra à vontade no local, dando ordens como se os outros estivessem ali para servi-lo. É importante observar que, através de pequenas situações simples e corriqueiras, Marques Rebelo representa, além do estilo e do comportamento, a linguagem utilizada pelo grupo social a que os personagens pertencem. No caso de indivíduos como Teixeira, por exemplo, é constante o uso de jargões, gírias, ditos

populares, palavras obscenas e todo o repertório que caracteriza o discurso malandro. Com seu jeito de se expressar e agir, o malandro consegue despertar ainda mais o interesse e a atenção de Rizoleta: “pegou na palavra, metendo assunto atrás de assunto, com muitos casos gaiatos e empregando termos pornográficos como sinais de pontuação. A mulata se admirava – como era bem falante! Como era engraçado! Como sabia das coisas!” (REBELO, 2003, p. 12).

Como Teixeira sempre procurou viver sem muito esforço nem grandes responsabilidades, a relação com a polaca lhe trouxe muitas vantagens: Rizoleta obtinha dinheiro dos clientes e prazer com o malandro e, por isso, sustentava-o; e o malandro, por sua vez, não hesitava em explorar a prostituta e continuar na “boa vida”. O narrador descreve a prática e o comportamento de Teixeira da seguinte forma:

Se a vida encrencava, o que acontecia frequentemente, Teixeira não pestanejava – passava o calote bonito no senhorio e mudava-se para outro quarto. A mudança, aliás, era simples, já que todos os seus pertences cabiam de sobra na descascada mala de papelão, imitando couro [...] Mandassem depois cobrar para ver o que acontecia... Nunca chegou a acontecer nada. Agora, embora durma com Rizoleta todas as noites, continua com quarto alugado. Parece que está fixo. O dinheiro não falta e o quarto é melhor [...] Teixeira estica-se na cama, numa modorra gostosa de dia quente. Nem tirou os sapatos. Que preguiça!... A grade da sacada parecia renda. O barulho urbano chega muito diminuído, quase abafado. O ventinho fresco do morro agrada – tão bom... E o convento velhíssimo, engastado na encosta, ensombrado pela árvore gigantesca... Teixeira dorme. Dorme sem sonhos, roncando alto (REBELO, 2003, p. 18-19).

O fato de não trabalhar não impedia que Teixeira vivesse de forma confortável, já que sempre encontrava uma maneira de conseguir seus intentos, especialmente após conhecer Rizoleta: se antes, por não pagar os aluguéis devidamente, não tinha residência fixa, depois de conhecê-la passou a morar em um quarto melhor situado geograficamente, além de não lhe faltar dinheiro para as farras e bebedeiras.

Além de explorar Rizoleta, Teixeira vivia também dos golpes e trapanças que aplicava. Em um desses momentos, aproveita-se de sua posição na diretoria de um clube carnavalesco para desviar dinheiro: “Foram apuradas rigorosamente as suas malandragens no Furrecas, descobriram que lesava o clube com pedidos de dinheiro adiantado para despesas que não existiam...” (REBELO, 2003, p. 47), informa o narrador. Com a fama de valente, o malandro intimidava as pessoas ao seu redor, de modo que, muitas vezes, não era necessário sequer o uso da força física para alcançar seus intentos. É assim que consegue escapar de situações nas quais se esperava que o culpado fosse devidamente responsabilizado: “Raros tiveram a coragem de se mostrar abertamente descontentes e não houve outro caminho para os derrotados – abandonarem o clube” (REBELO, 2003, p. 47).

Hábil na arte da trapaça e da enganação, o malandro envolvia-se também com jogos de azar e, para isso, contava com Sebastião, seu amigo de malandragem. Sebastião não concordava com os métodos utilizados por Teixeira para obter dinheiro de Rizoleta, mas, quando se tratava de ser beneficiado com ele, sua opinião era outra, como indica o narrador: “não admitia dinheiro vindo por tal expediente. Era o que sempre condenava no amigo. Condenava, mas perdoava. Perdoava, mas repreendia-o – não estava direito, era indecente, um homem é homem. Naquela hora, porém – coisa miserável é a vida!” (REBELO, 2003, p. 63). Nesse episódio o narrador ironiza a fragilidade dos princípios, sugerindo que um indivíduo, em alguns momentos, pode até discordar de atitudes que contrariem os valores morais, porém, diante da possibilidade de ser favorecido, acaba deixando prevalecer o lado mais vantajoso.

Em relação à forma como agem os personagens que compõem esse universo é importante salientar que há o que se poderia chamar de ética da malandragem, já que existe uma lógica ou “moral” que legitima suas práticas e se caracteriza por não seguir o discurso oficial. Isso pode ser compreendido, por exemplo, pelo fato de indivíduos como Sebastião e Teixeira, assim como José, estarem sempre procurando meios para garantir seu sustento, porém os mecanismos que cada esfera utiliza são divergentes. Enquanto o núcleo da ordem faz isso por meio de métodos oficializados, o da desordem rejeita qualquer tipo de institucionalização e age com astúcia fazendo trapaças e armações.

Ao retratar a luta diária pela sobrevivência, o romance de Marques Rebelo sugere que a falta de alternativas e de oportunidades para viver em uma sociedade competitiva é um dos fatores responsáveis por muitos indivíduos seguirem o caminho da marginalidade, como ocorre com Sebastião:

O casamento imprevisto, e por verdadeiro amor, com uma costureira órfã e nada bonita fizera-o trocar a vida irregular pelo trabalho. Muito habilidoso, fazia brinquedos para crianças e papéis gomosos para pegar moscas, que vendia nos bazares da cidade e nas lojas dos subúrbios. Pintava também tabuletas e cartazes. Tudo, porém, rendia tal mesquinharia que o levava a desanimar.

– Ser honesto não rende, seu Teixeira – dizia para o amigo, com uma saudade indisfarçável do seu tempo de malandragens.

Lamentava, mas ia se sustentando. Os filhos, entretanto, chegavam todos os anos. O último parto, muito encrocado, quase que a patroa ia embarcando, obrigou-o a procurar agiotas – safarrascada difícil de se safar! Meteu-se como farol num cabaré da Lapa [...] A mulher chorara, implorara, preferia morrer de fome a vê-lo outra vez naquela vida de vergonha e sobressalto. Foi inútil. A vida era muito dura para continuar com tais escrúpulos:

– Precisamos é viver! (REBELO, 2003, p. 81-82).

A situação de Sebastião é narrada com ironia e humor, como podemos perceber, por exemplo, através do eufemismo empregado pelo narrador para insinuar que o personagem casou com uma mulher feia, mas que este casamento ocorreu por amor, descartando, assim, a

possibilidade de haver quaisquer outros motivos que pudessem levá-lo a casar-se. O mesmo tom é empregado quando o narrador mostra as condições dos partos, que por pouco não levam a esposa à morte.

De um modo geral, verifica-se que Sebastião foi criado em um ambiente propício para a prática da malandragem, muito cedo aprendeu a fazer ardilosos esquemas no mundo do jogo e a tapear as pessoas. Ao casar e constituir uma família, este personagem tenta abandonar a vida incerta e irregular por um trabalho digno e honesto, momento em que se depara com a triste realidade daqueles que ocupam as posições desfavorecidas da sociedade: “ser honesto não rende”, “precisamos é viver”. Através de Sebastião, o narrador retrata o drama de um sujeito sem os recursos necessários para manter sua família, que crescia a cada ano apesar das péssimas condições e, sem perspectivas de mudança, a única alternativa que tinha ao alcance se encontrava no universo marginal. No caso do parceiro de Teixeira, significa retornar aos antigos expedientes. Esse episódio nos remete à formulação de Da Matta (1997, p. 177), quando este afirma que o malandro “não cabe nem dentro da ordem nem fora dela: vive nos seus interstícios, entre a ordem e a desordem, utilizando ambas e nutrindo-se tanto dos que estão fora quanto dos que estão dentro do mundo quebrado da estrutura”. É, portanto, um ser deslocado, uma figura ambígua que transita entre as duas esferas, movendo-se com desembaraço em diferentes espaços.

Observando-se a trajetória de Teixeira, constata-se que ele teve sorte diferente da José, assim como de outros personagens que tem um fim trágico no romance. De um lado, pode parecer que Teixeira foi poupado da “punição” que recaiam sobre os personagens que estavam inseridos no núcleo da ordem. Entretanto, não se pode afirmar que o malandro tenha conseguido escapar totalmente de certa penalidade, pois acabou sem dinheiro, sem as pessoas que explorava e sem qualquer perspectiva de melhorias. O homem que havia arranjado um lugar fixo e melhor situado para morar, sempre esperto para tirar vantagem, apareceu “relaxado, apático, numa incapacidade para a menor cartada” (REBELO, 2003, p. 210). Depois de passar por todo esse processo, Teixeira perde sua liberdade, preço pago por ter realizado seu desejo de vingança, ao assassinar José.

Vidas que se cruzam

As histórias de José e Teixeira são narradas separadamente. A relação dicotômica entre eles reflete a posição que os universos da ordem e da desordem, ou do trabalho e da malandragem ocupam no romance, já que se trata de esferas sociais que não se comunicam, partes que não se harmonizam. Apesar de serem construídos paralelamente, sem que haja

qualquer interação, estes dois polos estão em constante conflito, sendo o resultado dessa tensão o fator responsável pelo desfecho que ocorre na trajetória dos personagens. Para melhor entender isso é importante compreender o que cada um desses personagens representa dentro do espaço em que está inserido.

Conforme vimos anteriormente, José é um pequeno funcionário, encaixando-se na definição de Mário de Andrade, para quem os personagens de Marques Rebelo, de um modo geral, não são proletários nem chegam a ser exatamente a pequena burguesia (ANDRADE, 1972). Resignado e pacífico, José representa o tipo de indivíduo avesso a conflitos e que procurava viver do trabalho e segundo os valores e princípios morais, daí ser autêntico representante da esfera ordem. Já Teixeira, por sua vez, encontra-se no polo contrário, representa um malandro que está sempre envolvido em algum tipo de confusão, vivendo de trapanças, calotes, além de explorar a prostituta Rizoleta, por isso retratar o mundo da desordem com todas as suas peculiaridades.

Em todo o romance, há apenas dois episódios em que José e Teixeira ficam frente a frente, mas, pelas circunstâncias em que a situação ocorre, esses momentos já são suficientes para desencadear um conflito que está presente em toda a narrativa. O episódio em que os dois personagens se cruzam ocorre na festa de um clube carnavalesco, já o segundo consiste na consequência ou resultado desse primeiro encontro. Em relação à primeira ocorrência, o narrador mostra que Teixeira, inconformado, revoltado e sentindo-se ofendido com a publicação de uma matéria no jornal que alertava para o mau comportamento de alguns membros da diretoria do clube, queria a todo custo descobrir o autor da afronta, ou antes, intimidar as pessoas que estavam no local, e na confusão recebe um soco de José. Citemos a passagem do romance em que se narra o episódio:

– Quem foi o calhorda que botou aquele troço hoje no jornal?
Houve um breve, desorientado silêncio. Teixeira insistiu, rodando o corpo esguio e malandro:
– Quem foi? Vim para lhe amassar as fuças [...]
Aí o rapaz apareceu. Não tinha nada com a questão. Nem pertencia à sociedade. Vinha ali às vezes, anônimo, largando os três-mil-reis da entrada, para rebocar algum gado fácil para as suas necessidades de solteiro. Indignou-se com tanta covardia. E cresceu na frente do bamba como o único homem que havia ali:
– Fui eu, patrício. Que é mais?
Teixeira caiu para trás, numa contorção elástica, e o rapaz rolou no chão com o pontapé na barriga. Levantou-se como um desesperado. A luz se apagou. Houve confusão, tiros, correria e a gritaria pavorosa acabou de acordar a rua. Os guardas-noturnos não paravam de apitar.
Não morreu ninguém, mas pareceram equimoses, cabeças quebradas e o encerador apanhou uma bala na perna. O salão, em pandarecos, foi fechado pela polícia. O rapaz eclipsara-se. Teixeira viu-se encanado entre outros. Tinha uma orelha roxa de pancada e mostrava-se calmo – fazer força contra a polícia naquela situação não era golpe branco. Deixou-se levar. Ajeitava a roupa, escovando-a com petelecos,

passava o lenço no olho que chorava (REBELO, 2003, p. 23-24).

Com as ameaças de Teixeira, José, que sempre buscou o diálogo, não se conteve diante do ato de covardia do malandro e deixou o sentimento de justiça predominar em detrimento de sua resignação e da falta de atitude. A casualidade da situação pode ser percebida no fato de José ser apenas um anônimo, alguém que não fazia parte da comunidade, nem “tinha nada com a questão”. Observa-se que, desde o primeiro instante em que os dois personagens se encontram, ficando ordem e desordem lado a lado, já se configura um conflito, uma situação de embate entre eles. Para Frungillo (2001 p. 43), “O caso entre José e Teixeira mostra duas esferas sociais diferentes em constante tensão, que pode explodir a qualquer momento, da maneira mais gratuita”.

Se para um indivíduo qualquer o incidente no clube poderia representar um simples ato de violência, para Teixeira ganhou outra dimensão, pois atingiu diretamente sua fama de “valentão”, ferindo a “honra” de quem se apresentava no clube em posição de superioridade em relação aos demais. Para este personagem e para os que compactuavam com sua forma de agir e de pensar, a única maneira de remediar a situação e recuperar o “prestígio” perdido era a vingança, como mostra o narrador: “É da vida, meu irmão. Cada olho tem seu dia. Ficarão elas por elas, deixa estar. Tempo é tempo – e com muita intenção: Marquei bem marcada a cara do cujo” (REBELO, 2003, p. 24). Nem o fato de os dois homens não se conhecerem, nem mesmo o tumulto, confusão e pancadaria impediram que o malandro gravasse em sua memória a face daquele que ousou agredi-lo.

A importância que Teixeira atribui ao acontecimento e o seu desejo de vingar-se podem ser percebidos em várias passagens: “A pisadela custou a sarar. Estava feia de fato. Teixeira furioso, entre injúrias, só pensava na forra. Haveria de chupar o sangue daquele safado! – prometia, jurando. Haveria de encontrá-lo”; “Como não conviesse aparecer em público em tal estado (poderia haver dúvidas a respeito, etc.) para não ficar bestando no quarto, mudou-se para o bordel” (REBELO, 2003, p. 28).

A tensão entre Teixeira e José perpassa todo o romance, mas à medida que o enredo vai se desenvolvendo o narrador desvia a atenção do leitor ao inserir novos fatos, personagens e acontecimentos, tirando o foco do conflito. Como o narrador acrescenta outros fios à narrativa, o núcleo de José, aos poucos, vai ganhando maior espaço.

José era um homem forte, especialmente depois que entrou para o pugilismo e passou a ter uma rotina de exercícios e treinos constantes. Em algumas circunstâncias, isso poderia constituir uma vantagem sobre outros homens, mas quando se trata de confronto com

indivíduos que agem de forma sorrateira como Teixeira essa característica acaba não valendo muito. Como um caçador que persegue sua caça até o instante em que poderá executá-la, o malandro segue no encalço de José, procurando o momento certo de ficar frente a frente com o seu agressor e poder colocar em prática o seu projeto de vingança. Segundo observa Gomes (2008), para que o leitor não esqueça o “enredamento da vingança”, o narrador fornece pistas, inclusive encontros casuais entre os dois personagens. Em um deles, Teixeira conseguiu identificar José dentro de um ônibus, mas tenta em vão apanhá-lo: “apalpou a navalha e despencou do bonde inutilmente. Soltando fumaça, espocando, o homem célere fugia [...] a rua tinha um aspecto tristonho de fuga, de abandono. Balançou os ombros – fica para outra vez” (REBELO, 2003, p. 87). Em outro episódio, quase reconhece a foto do famoso pugilista em um anúncio: “Conhecia aquela cara. Se conhecia! Mas de onde? – e Teixeira parafusa a mioleira diante dos anúncios de maus clichês, para o sensacional embate entre Tommy Jaguar (brasileiro) e Martin Peña” (REBELO, 2003, p. 137). Porém, o encontro definitivo entre os dois personagens ocorre quando o malandro acompanha seu colega Aristides para assistir ao embate entre os lutadores:

Teixeira pensava que ser campeão não é documento. Como andara atrás dele! E não desapregava os olhos do ringue. A luz dos refletores dava forte no lutador. Era ele... Que safado! Sem a cabeleira, sem o bigodinho... Quanta mosca comera! Farto de ver retratos dele nos jornais, nos muros – o tal de Tommy Jaguar!... – e nunca desconfiara. Só de burro! Só de burro! – repetia. Toda uma raiva acumulada rompeu-se, encheu-lhe o coração pedindo desforra. Cerrava os punhos para um soco imaginário – safado! [...] Teixeira acalmara-se. Olhava o herói. Ele já estava de roupão, cercado pelos segundos, abraçado pelos companheiros. A colônia saía murcha, com raros aplausos ao vencedor. Virou-se para Aristides:

– Só comendo de navalha.

Piscava o olho. Aristides percebeu e quis dissuadi-lo. Teixeira falou pouco:

– Ofensa não se esquece.

Mas Teixeira...

– Nem que ele fosse Cristo! (REBELO, 2003, p. 212-213).

A vingança anunciada no início de *Marafa* somente se concretiza no final do romance. Se os demais encontros eram sempre fortuitos, sem que houvesse um contato direto, o que sucedeu à vitória de Tommy Jaguar nos ringues constitui o momento em que os dois personagens ficam frente a frente, havendo o reconhecimento de José por parte de Teixeira. Longe de ser um simples acontecimento marcado por um forte sentimento de vingança, esse evento representa o momento em que os universos da ordem e da desordem se cruzam, delineando o destino de cada um desses indivíduos. De um lado estava José, retratando a esfera do trabalho, dos que viviam de acordo com os valores e princípios sociais preestabelecidos, presando sempre pela honestidade e pela ordem; de outro, Teixeira, representante da desordem.

O narrador não descreve com detalhes como ocorreu o assassinato. Há apenas uma vaga referência quando este afirma o seguinte: “E foram rondar a saída do vestiário. A noite está escura, sem estrelas” (REBELO, 2003, p. 213). A partir daí, observa-se um pequeno salto na narrativa, pois são apresentados momentos posteriores à morte, já no velório do pugilista. A imagem do céu escuro e sem luz é utilizada para enfatizar o fim trágico de José: quando finalmente conseguiu deixar o trabalho como auxiliar de escritório, alcançando fama e prestígio, sua vida foi ceifada, interrompida antes mesmo de casar-se com Sussuca.

Ao chegarmos ao final da narrativa, podemos perceber que há certa semelhança entre a cena que abre e a que encerra o romance: no primeiro capítulo, um homem caminha pelas ruas do Rio de Janeiro cantando serestas (Teixeirinha); no último, Aristides, companheiro de Teixeira, é absolvido do crime contra José, após ser detido como cúmplice do malandro, e “Livre de culpas, sem inquietações, sem incertezas, continua cantando e vendendo modinhas. As esquinas se movimentam, as portas e janelas se apinham para ouvir o samba do dia na cidade: *Eu quero morrer cantando samba...*” (REBELO, 2003, p. 219, grifo do autor). O que predomina em ambas as situações é a ênfase na ociosidade, na vida boêmia e desregrada, sobressaindo a esfera da desordem e da malandragem, em detrimento da ordem e do trabalho.

Referências

ANDRADE, Mário de. A estrela sobe. In: _____. *O empalhador de passarinho*. 3. ed. São Paulo: Martins; INL, 1972, p. 125-129.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1998, p. 19-54.

CHAUVIN, Jean Pierre. Poética da malandragem: Memórias de um gigolô, de Marcos Rey. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. n. 12, p. 253-269, 2008. Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/downloads/revistas/1450371482.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2013.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FRUNGILLO, Mário Luiz. *O espelho partido: história e memória na ficção de Marques Rebelo*. 2001. 268 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000215191&opt=4>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, as cidades: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PAES, José Paulo. O pobre diabo no romance brasileiro. In: _____. *A aventura literária. Ensaios sobre ficção e ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 39-61.

REBELO, Marques. *Marafa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

TINHORÃO, José Ramos. *A música popular no romance brasileiro*. Vol. II: século XX. São Paulo: Editora 34, 2000.

[Recebido em 2 de fevereiro de 2016 e aceito para publicação em 29 de abril de 2016]

Work and trickery in *Marafa* by Marques Rebelo

Abstract: In *Marafa*, Marques Rebelo concocts the social dynamics in Rio de Janeiro, bringing into light a great character gallery to compose two distinct universes, which do not communicate or intermingle with one another. On the one hand there is the sphere of order and work, in which belong the individuals who follow the bourgeois social patterns, seeking to live in an honest and dignified way, through labor and self-effort; on the other hand, lies the space of disorder and hustling [*malandragem*], in which are inserted those who reject the work ethics and live through conning, prostitution and everything related to a licentious life. In this context, the ethics of those who live through hustling and idleness prevails, for, in an excluding and competitive society, in which activism is a founding characteristic, in general those who resource to illegal means or marginal artifices to fulfill their goals succeed, whilst those who resign to their inferior condition end up defeated.

Keywords: Marques Rebelo. Novel. Work. Trickery.

